

## O CREPÚSCULO DA ÉTICA IMPERIAL HABSBURGA EM BRUNO SCHULZ E JOSEPH ROTH

*Luís S. KRAUSZ<sup>1</sup>*

**Resumo:** Os escritores Bruno Schulz e Joseph Roth entraram para a história da literatura, respectivamente, como representantes da literatura polonesa e austríaca, como se pertencessem a mundos diversos. Entretanto ambos compartilharam de uma memória comum, que era a vida nas províncias orientais do Império Austro-Húngaro, nas cidades de Drohobycz e Brody, hoje pertencentes à Ucrânia. As obras de ficção de Schulz e de Roth fazem referência ao universo austro-húngaro e habsburgo, um reino milenar que via a si mesmo não simplesmente como uma realidade política, mas como um império que tinha como missão trazer a seus súditos uma forma de vida considerada superior do ponto de vista espiritual, ético e moral. A idéia do Sacro Império Romano Germânico, que se considerava portador de uma mensagem humana, subsistiu, até o século 20, no longo reinado do *Kaiser* Francisco José e neste sentido a 1ª Guerra Mundial significa não simplesmente o desmembramento político do Império Austro-Húngaro em seus diferentes componentes, mas também a falência de uma idéia de Estado que transcendia à esfera do meramente político para tornar-se um lar espiritual e cultural para seus súditos. O mundo que sobreveio à 1ª Guerra Mundial é marcado pelas tendências fáustico-titânicas de um individualismo materialista, que devota todas suas energias à produção e à acumulação de capital, e é sobre este novo mundo que Schulz e Roth olham em suas obras, sempre do ponto de vista de um universo anterior, marcado pela nostalgia de um exílio irreversível.

**Palavras-chave:** Nostalgia. Exílio. Império Habsburgo. Joseph Roth. Bruno Schulz.

*Every true empire is an unrealized effort to establish the kingdom of god upon earth  
A unique, a memorable world; its name was familiar to all, yet very few understood it;  
perhaps only the initiate, its children who knew it in good and evil days. That world is gone  
forever. After the long twilight of its old age, it died; and its death was no gentle one, but an  
anguished struggle. Yet very many of its children still live, among them some of the initiate.*

<sup>1</sup> Mestre em Letras pela University of Pennsylvania, pós-graduado pela Universidade de Zurique e doutorando em Literatura e Cultura Judaica na Universidade de São Paulo. Editor da Revista 18 do Centro da Cultura Judaica - revista18@culturajudaica.com.br

*They belong to two worlds: to that dead one which, living in them, is not yet quite dead; and to the world of its heirs, who took over the property like goods after a sale. But this belonging to two worlds, this embracing of two epochs within one soul, is a highly paradoxical state, recurring seldom in history and inflicting itself upon but few of the races of mankind.*

Werfel (1937) *An essay upon the meaning of Imperial Austria*

**Todo império verdadeiro é um esforço não concretizado de estabelecer o reino de Deus na Terra**

*Um mundo singular e memorável; seu nome era conhecido por todos, porém só poucos o compreenderam; talvez só os iniciados, seus filhos que o conheceram em dias bons e ruins. Esse mundo desapareceu para sempre. Depois do longo crepúsculo de sua velhice, ele morreu, e sua morte não foi uma morte suave, mas uma luta angustiada. Ainda assim, muitos de seus filhos ainda estão vivos, dentre os quais alguns dos iniciados. E eles pertencem a dois mundos: ao mundo morto que, ainda vivo dentre delas, ainda não morreu completamente; e ao mundo de seus herdeiros, que tomaram conta de suas propriedades como se fossem mercadorias depois de uma liquidação. Mas este pertencer a dois mundos, este abraçar de duas épocas dentro de uma única alma, é um estado altamente paradoxal, que ocorre raramente na história e só recai sobre poucas das raças humanas.*

Werfel (1937) *Um ensaio sobre o significado da Áustria Imperial*

Os escritores Bruno Schulz (1892-1942) e Joseph Roth (1894-1939), ambos nascidos na Galícia oriental sob domínio habsburgo, foram praticamente contemporâneos, porém passaram à posteridade como autores de tradições literárias diferentes: Schulz tornou-se patrimônio da Polônia; Roth da Áustria. Há uma trágica ironia nesta apropriação de seu legado literário por duas nacionalidades diversas, já que ambas são igualmente estranhas a estes dois autores judeus galicianos, que foram relativamente próximos em vida, que se viam como herdeiros da tradição judaica tanto quanto da tradição monárquica habsburga, e cujas obras estão profundamente marcadas pelas suas recordações da vida na Galícia oriental sob a égide do Imperador Francisco José. Schulz foi leitor e admirador de Roth. Ainda que o polonês fosse a língua do dia a dia na casa de seus pais, em Drohobycz, Schulz foi educado num *Gymnasium* (equivalente às 4 últimas séries do 1º. Grau e ao 2º. Grau brasileiros) de língua alemã e, portanto, falava e escrevia em alemão fluentemente, tendo inclusive escrito contos em alemão, dos quais consta que um foi enviado a Thomas Mann, com quem o autor mantinha uma correspondência infelizmente desaparecida. Schulz foi também tradutor de Kafka para o polonês e portanto um mediador entre as culturas polonesa e alemã, consoante com sua formação, e como a refletir uma ânsia atávica por integrar-se ao Império do qual nasceu como súdito.

Roth vinha de um lar em que o *ídiche* era a língua do cotidiano e, como Schulz, estudou num *Gymnasium* de língua alemã em sua Brody natal – um dos últimos remanescentes de uma série de escolas alemãs que foram fundadas na Galícia

durante o século 19, como parte de uma política de germanização da população local, e que foram muito desejadas pelos alunos judeus da região, mas que, à época de Roth, já haviam se tornado uma espécie de anacronismo. Schulz frequentou o *Franz-Joseph Gymnasium* de Drohobycz, onde o alemão convivia com o polonês como línguas de ensino.

A Brody natal de Roth representava os confins do Império Austro-Húngaro, a poucos quilômetros de distância da fronteira russa, e teve um extraordinário desenvolvimento durante o século 19, em função de sua situação de porto livre. Quando este *status* foi revogado pelo Imperador, em 1879, Brody precipitou-se num rápido declínio econômico ao mesmo tempo em que o projeto de assimilação de seus judeus à cultura germânica se tornava a cada tanto mais desacreditado. Drohobycz, cerca de 150 quilômetros a sudoeste de Brody, foi uma cidade que, à mesma época, isto é, a partir de 1870, se transformou rapidamente, porém no sentido inverso, ou seja, do rápido crescimento econômico, em função da descoberta de petróleo.

As grandes instituições imperiais e, ao mesmo tempo, as raízes judaicas, marcavam a fisionomia e o estilo de vida dos judeus dessas cidades de província que, depois de Lemberg (hoje *L'viv*, na Ucrânia), concentravam as maiores populações judaicas da Galícia oriental. As grandes transformações na esfera econômica, social e religiosa por que passaram Brody e Drohobycz foram determinantes na formação destes dois autores.

Brody chegou a ter 90% de população judaica e foi um grande centro da *Haskalá* ou iluminismo judaico, movimento que pregava a assimilação e a integração dos judeus à sociedade mais ampla e que, ao longo da segunda metade do século 19, conquistaria cada vez mais seguidores, ao mesmo tempo em que era vigorosamente combatido pelo setor judaico tradicionalista e religioso, por sua vez dividido entre os seguidores da ortodoxia e os *chassidim* ou judeus místicos e pietistas.

À época de Roth o projeto de germanização dos judeus galicianos encontrava-se já em franco declínio, embora Roth fosse um obstinado estudante de língua e literatura alemã. As origens deste processo de germanização estão no reinado de José II, no século 18, e sua influência foi crescente a partir de 1815, seguindo o mote de que só por meio da aquisição da língua alemã os judeus poderiam adquirir “a verdadeira cultura”.

Ao tempo de Roth o crescimento do anti-semitismo na capital imperial, assim como o declínio econômico da cidade resultante da revogação das isenções fiscais que estimulavam seu comércio, levaram muitos dos judeus da região a buscarem outros caminhos para a resolução da “questão judaica”, dentre os quais a identificação com o crescente nacionalismo polonês; o sionismo e o nacionalismo judaico.

Drohobycz, ao contrário, vivia à época da infância de Schulz um “boom” do petróleo. Refinarias e outras indústrias rapidamente levaram esta cidade até então estagnada, onde o estilo de vida era ainda profundamente marcado por suas raízes medievais, de encontro à era industrial, com todas as suas conseqüências sociais, políticas e psicológicas.

Ambos autores dirigiram-se a Viena para dar continuidade a seus estudos depois da conclusão do *Gymnasium* – Roth em 1913; Schulz em 1917, e ambos tiveram que abandoná-los em conseqüência da guerra. A partir de Viena, os caminhos de Roth e Schulz tomam rumos totalmente divergentes. Schulz retornou à terra natal, que entrementes se tornara polonesa, e passou a trabalhar como professor na escola de artes. Roth, depois de servir ao exército imperial e passar cerca de seis meses como prisioneiro de guerra na Sibéria, rumou para Berlim, onde se tornaria um dos mais célebres jornalistas dos anos 20 e começo dos anos 30.

As trajetórias de Schulz e de Roth são emblemáticas da destruição do ecúmeno judaico da Europa Central: se Roth escapou às garras dos nazistas por meio do auto-exílio em Paris, sucumbiu à destruição psicológica e ao alcoolismo, exacerbados pela perda irreparável de sua *Heimat* ou lar. Schulz viu sua cidade ser tomada pelo exército vermelho em 1939, sendo incorporada ao país de Stalin, e a seguir, pelo exército nazista, em 1941, o que significou sua deportação para o gueto e o assassinato a tiros, na rua, a 19 de novembro de 1942.

Tanto Schulz quanto Roth são filhos dessa geração que acreditava numa plena integração dos judeus no universo da Dupla Monarquia, um projeto cuja realização o crescente anti-semitismo austríaco tornava, já ao fim do século 19, cada vez menos provável.

A eleição de Karl Lueger, o dirigente do partido “*Partei der antisemitischen Christen*” (Partido dos Cristãos Anti-Semitas) para a prefeitura de Viena em 1896, cujo programa político, estabelecido em 1882, decretava “guerra ao grande capital internacionalmente organizado pelos judeus” foi um sinal importante de que as ambições do projeto integrador do iluminismo judaico talvez não estivessem destinadas a realizar-se.

Tanto Roth como Schulz cultivaram, em sua literatura, a memória de um universo anterior aos tempos de destruição e exílio em que viveram – uma memória de dias melhores, talvez parcialmente idealizada, e de uma forma de vida que desapareceu com as transformações sociais e econômicas de seus lugares de origem, sejam estas causadas pelo declínio, pela 1ª Guerra Mundial e pelo desmembramento do Império Austro-Húngaro, como é o caso de Roth; sejam estas resultantes de um “boom” econômico que colocou em xeque formas tradicionais de vida e de sociabilidade, e que trouxe à tona uma nova classe dominante: uma burguesia voltada

exclusivamente para a exploração e acumulação capitalistas, gerando a reificação das relações sociais e a redução dos produtos tradicionais a mercadorias destinadas a cumprir um papel bem delimitado dentro de um projeto econômico, no caso de Schulz.

A banalização das relações humanas, dentre as quais o comércio, é um dos temas recorrentes em Roth tanto quanto em Schulz. Em *As Lojas de Canela*, este fulgurante romance de profundo lirismo, que assegurou a Schulz uma posição de destaque na literatura universal, este tema é tratado com especial atenção. É também assunto de vários romances e contos de Joseph Roth, como por exemplo da novela *Der Leviathan*, *O Leviatã*, publicada postumamente em 1940.

Nestes dois textos Schulz e Roth evocam a memória do universo desaparecido dos comerciantes para quem sua atividade não era um mero instrumento mas também um fim em si mesmo, isto é, uma atividade cujo significado se encontrava também em si própria, e que portanto envolvia uma ritualística específica e inimitável.

A vida sob a Monarquia habsburga conservava a tradição medieval que dava a cada uma das atividades humanas um significado cósmico, e por assim dizer absoluto, isto é, não simplesmente vinculado a um objetivo exterior à atividade em questão, mas também portador de um sentido em si mesma. Cada trabalho é, assim, um “estado”, uma atividade misteriosa, reservada aos que nela foram iniciados e a ela são destinados por uma ordem superior, aos membros de uma casta ou corporação, que legitima tal atividade e a transforma num ritual de comunhão com um universo invisível.

Ao escrever sobre a mentalidade medieval, de que ainda se encontravam impregnadas as instituições habsburgas do século 19, Johann Huizinga afirma:

O que, no pensamento medieval, estabelecia a unidade nestes tão diferentes significados da palavra era a convicção de que cada um destes grupos representava uma instituição divina, um elemento do organismo da criação, emanando da vontade de Deus, constituindo uma entidade real, e sendo, no futuro, tão venerável como a hierarquia angélica.

Ora, se os degraus do edifício social são concebidos como sendo os degraus inferiores do trono do Eterno, o valor atribuído a cada ordem não dependerá de sua utilidade mas de sua santidade – que é, como quem diz, da sua proximidade do lugar mais alto. Mesmo que a Idade Média tivesse reconhecido a diminuta importância da nobreza como membro do corpo social, isso não teria mudado a concepção que existia de seu alto valor, do mesmo modo que o espetáculo de uma nobreza violenta e dissipadora nunca impediu a veneração pela ordem em si mesma. [...] Os estados da sociedade só podiam ser veneráveis e duradouros

porque todos eles haviam sido instituídos por Deus. A concepção da sociedade na Idade Média é estática, não dinâmica. (HUIZINGA, 1924, p.58).

Estamos, aqui, não mais no campo da atividade puramente econômica, mas no campo do mítico, em que o trabalho, como todas as demais atividades humanas, se reveste de uma aura mais ou menos pronunciada e visível de sacralidade.

É justamente a destruição deste universo pelo capitalismo liberal do século 19, ainda sob o domínio de Francisco José, que Karl Lueger atribui aos judeus em suas invectivas, por meio das quais conquistou os votos de toda uma camada de antigos artesãos e pequenos comerciantes de Viena, que se proletarizavam com as transformações econômicas que assolavam a capital.

E em sua mitificação do universo habsburgo, Schulz e Roth emprestam ao trabalho dos antigos comerciantes este mesmo significado espiritual, que se perdeu, na Drohobycz na infância de Schulz com o “boom” econômico, e nas cidadezinhas da Galícia oriental recriadas por Roth em seu exílio, com a 1ª Guerra Mundial e a destruição da dupla monarquia.

A perda de sentido da vida com o advento de uma mentalidade que subjugava tudo aos interesses do capital e a tudo transforma em mercadoria é contraposta por Schulz ao imobilismo e à subjetividade inerentes à ordem de raiz medieval – o poder, na mentalidade medieval, não está ainda predominantemente associado ao dinheiro; é antes inerente à pessoa e depende de uma espécie de temor religioso que ela inspira (HUIZINGA, 1924, p.27) – que ainda subsistem, embora de maneira residual, nos confins do Império Austro-Húngaro no fim do século 19.

O imobilismo da sociedade medieval permanece intacto na seguinte descrição que Schulz faz, em O Sanatório, das aldeias à volta de sua Drohobycz natal, ainda não tocadas pela voragem capitalista que assola sua cidade:

Tratava-se de cidades esquecidas nas profundezas do tempo, onde as pessoas viviam presas a seus pequenos destinos, dos quais eram incapazes de se livrar por um instante sequer. Um sapateiro era para sempre um sapateiro, cheirava a couro, tinha um rosto pequeno e magro, olhos míopes e pálidos sobre a barba descorada que pendia flacidamente, e sentia-se inteiramente sapateiro. E se eles não tivessem eczemas, se seus ossos não se rompessem e se nenhum furúnculo os precipitasse no leito da enfermidade, eles elogiavam sua sorte cinzenta e descorada, fumavam tabaco ordinário, tabaco amarelo fornecido pela empresa imperial, ou sonhavam, obtusos, com o prêmio da loteria. “*Das Sanatorium zur Todesanzeige*” (SCHULZ, 2004, p.110, tradução nossa).<sup>2</sup>

<sup>2</sup>Es waren Städte, vergessen in der Tiefe der Zeit, wo die Menschen an ihre kleine Schicksale gebunden lebten, von denen sie keinen Augenblick sich loszureissen vermochten. Ein Schuster blieb ewig Schuster,

A imobilidade e a estagnação do universo medieval sobrevivem nestas aldeias onde a vida não foi planejada para servir a um objetivo ulterior, onde a mentalidade fáustica do progresso e do desenvolvimento ainda não fazem sentido. A existência, aqui, é ainda uma espécie de auto-consumação, que é também o espelho de uma ordem superior e imutável, e portanto uma forma de ritual de comunhão com o cosmo, num mundo em que a experiência do sagrado não foi ainda relegada a um plano marginal, e sim, ao contrário, domina, subordina e dá sentido às demais experiências.

A este universo pertencem, também, as antigas “Lojas de Canela”, título de um dos capítulos do romance de mesmo nome de Schulz:

O universo destas lojas é repleto de sedução, sonho e exotismo misterioso. Já é, porém, passado, apenas memória, uma construção fantasiosa, quase secreta, representada de maneira furtiva pelo autor, “à noite”. Este mundo é dominado pela presença ubíqua do pai, um “mago”, um “demiurgo” e “heresiarca”, que é um símbolo da honestidade comercial e que diante deste novo tempo que desponta ansiosamente preocupa-se com o bem estar de sua classe e com a existência de sua corporação. (DUTSCH, 2004, p.352, tradução nossa).<sup>3</sup>

Schulz descreve as míticas Lojas de Canela como um mundo impregnado pela atmosfera de irrealidade do passado, com tonalidades apaixonadas e nostálgicas:

Aquelas lojas tão atraentes e singulares, esquecidas nos dias comuns. Costume chamá-las lojas de canela, pela cor dos lambris escuros com que são revestidas. Esses comércios verdadeiramente nobres, abertos até às horas avançadas da noite, sempre foram o objeto dos meus sonhos ardentes.

Seus interiores, mal iluminados, escuros, solenes, tinham o cheiro profundo das tintas, do lacre, do incenso, o aroma de países distantes e matérias raríssimas. Podia-se encontrar ali fogos-de-bengala, caixinhas mágicas, selos de países há muito desaparecidos, estampas chinesas, índigo, resina de Malabar, ovos de aves exóticas, papagaios, tucanos, salamandras e basiliscos vivos, raízes de mandrágora, mecanismos de Norimberga, homúnculos em vasos para flores, microscópios

roch nach Leder, hatte ein kleines und mageres Gesicht, kurzsichtige blasse Augen über den farblosen herabhängenden Schnurrbart und fühlte sich durch und durch als Schuster. Und wenn sie keine Geschwüre hatten, ihnen nicht die Knochen gebrochen wurden und keine Geschwülste sie aufs Krankenlager warfen, lobten sie ihr farbloses graues Glück, rauchten billigen Tabak, gelben kaiserlich-königlichen Regietabak, oder träumten stumpf vor der Lotteriekollektur.

<sup>3</sup>Die Welt dieser Zimtläden, voller Anziehungskraft, Träumerei und geheimnisvoller Exotik, ist jedoch schon Vergangenheit, nurmehr Erinnerung, ein Phantasiegebilde, fast heimlich, verstoßen vom Autor “in der Nacht” dargestellt. Sie ist beherrscht von der allgegenwärtigen Gestalt des Vaters, eines “Magiers”, “Demiurgen” und “Häresiarchen”, der ein Symbol für kaufmännische Ehrlichkeit ist und angesichts dieser ungestüm hereinbrechenden neuen Zeit um das Wohl seines Standes, um die Existenz der Sippe sorgt. (DUTSCH, 2004, p.352)

e lunetas e, sobretudo, livros raros e extraordinários, velhos fólhos, cheios de estranhíssimas gravuras e histórias estonteantes.

Lembro-me desses comerciantes, velhos e cheios de dignidade, que atendiam baixando os olhos, num silêncio discreto, com muita sabedoria e muita compreensão para com os mais íntimos desejos dos seus clientes [...] (SCHULZ, 1996, p.83).

O universo patriarcal, rigidamente estratificado, em que os membros de cada casta sabem exatamente o papel que lhes cabe, associado à dignidade e à humanidade das lojas de canela encontra seu contraponto na Rua dos Crocodilos, um símbolo da voracidade capitalista por progresso, por ascensão social e por enriquecimento, que tomava conta de Drohobycz, e que gerou, como costuma acontecer nas sociedades liberais, uma camada de *parvenus* que buscam imitar as formas das classes superiores do sistema anterior:

Era um distrito industrial e de comércio, de caráter utilitário fortemente acentuado. O espírito dos tempos, o mecanismo da economia, não pouparam também a nossa cidade e criaram suas gananciosas raízes nesta nesga de sua periferia, originando assim um bairro parasita.

Enquanto na cidade velha reinava ainda o comércio noturno, clandestino, com seu cerimonial solene, naquele bairro novo desenvolveram-se logo as formas modernas e lúcidas de comercialização. O pseudo-americanismo, enxertado no velho solo caruncho da urbe, desabrochou ali numa exuberante mas vazia e descorada vegetação de ordinária e grosseira vaidade. Viam-se ali prédios baratos, mal construídos, com fachadas que eram suas próprias caricaturas, prédios cobertos de um estuque monstruoso de gesso gretado. Velhas e tortas casas de subúrbio receberam pórticos feitos às pressas, que só vistos de perto podiam ser desmascarados como imitações pobres das instalações metropolitanas. (...) Nas suas grandes vitrines havia inscrições oblíquas ou dispostas em semicírculos de letras douradas de plástico: CONFISERIE, MANUCURE, KING OF ENGLAND.

Os moradores natos da cidade mantinham-se longe daquele sítio, habitado pelos marginais, pela plebe, pelas criaturas sem caráter e sem densidade, pela verdadeira mediocridade moral, uma espécie grosseira de ser humano, que prolifera em meios efêmeros como esse. (...) Tudo ali parecia suspeito e ambíguo, tudo convidava para as esperanças impudentes, com uma piscadela secreta, um gesto cínico, um olhar lânguido, tudo libertava os baixos instintos. (SCHULZ, 1996, p.95).

A gradativa introdução do liberalismo econômico e político foi ubíqua no Império Austro-Húngaro ao longo do século 19, porém um fenômeno cujo potencial transformador foi em parte absorvido pelas estruturas sociais pré-existentes mas, ao mesmo tempo, foi minando o consenso em torno da idéia do Império, idealmente visto como um projeto de “criação do reino de Deus na Terra”, e substituindo-a pelo individualismo, primeiro das diferentes nações e nacionalidades que compunham o Império; mais tarde dos indivíduos que aos poucos deixam de se perceberem como membros de uma ordem superior a eles, e destinada a sobreviver-lhes, para confinarem o horizonte de suas existências à esfera do estritamente privado e familiar.

A falência do pai de Schulz – primeiro comercial, depois psicológica e fisiológica, que acaba reduzindo-o a um farrapo humano – simboliza também, em Lojas de Canela, a falência da idéia imperial, o desaparecimento do caráter na ordem social, e sua substituição pelos simulacros vazios, que são um dos temas prediletos na literatura austríaca da virada do século:

A Rua dos Crocodilos, símbolo do comercialismo dos novos tempos – bairro das aparências e dos gestos vazios... do material humano barato e da podridão das grandes cidades, torna-se a concorrência ameaçadora do comércio tradicional. Ela exala uma atmosfera de fim de mundo e desafia para uma luta em vão: princípios comerciais humanos não podem triunfar sobre a nova geração de comerciantes inescrupulosos, a tradição vai à bancarrota e com ela as lojas de canela, o comércio do pai de Schulz. A bancarrota do pai é consequência de uma total incapacidade de adaptar-se e encontra sua expressão na renúncia à nova realidade da Rua dos Crocodilos, à qual poucos ousam ir. ‘Em dias de declínio, em horas de tentações baixas, podia acontecer que um ou outro dos cidadãos se perdesse, meio por acaso, neste bairro suspeito. Nem mesmo os melhores estavam livres da tentação, de tempos em tempos, da degradação voluntária, da suspensão de todas as fronteiras e hierarquias, e do desejo de se deixarem levar por este pântano raso da comunidade e da intimidade frívola [...] (DUTSCH, 2004, p.352, tradução nossa).<sup>4</sup>

<sup>4</sup> Die “Krokodilgasse”, Symbol des “neuzeitlichen Kommerzialisismus” – Stadtteil des “Scheins und der leeren Geste... des billigen Menschenmaterials” und der “grosstädtischen Verderbtheit”, wird zur drohenden Konkurrenz des traditionellen Handels. Sie verbreitet Weltuntergangsstimmung und fordert zu einem Kampf auf, der vergeblich ist: Humane Kaufmannsgrundsätze können sich nicht gegen die neue Generation von skrupellosen Händlern behaupten, die Tradition macht Bankrott und mit ihr die “Zimtläden”, das Geschäft von Schulz’ Vater. Der Bankrott des Vaters ist die Folge einer totalen Anpassungsunfähigkeit, er findet seinen Ausdruck in einer Absage an die neue Wirklichkeit der “Krokodilgasse”, in die vorzudringen nur wenige sich wagen: “An Tagen des Niedergangs, in Stunden niedriger Versuchung konnte es geschehen, dass dieser oder jener Bürger der Stadt sich halb zufällig in dieses zweifelhafte Viertel verirrt. Selbst die Besten waren von Zeit zu Zeit nicht frei von der Versuchung freiwilliger Erniedrigung, von der Aufhebung aller Grenzen und Hierarchien und von dem Verlangen, sich in diesem seichtem Sumpf der Gemeinschaft, der leichtlebigen Intimität treiben zu lassen [...]”

A astúcia e a esperteza, a rapidez e os expedientes manipulativos substituíram a dignidade e o ritual do antigo comércio e das antigas instituições. O trabalho, longe de ser um fim em si mesmo, e uma via para a realização de uma existência humana, tornou-se uma simples peça num esquema montado com o propósito específico e delimitado de maximizar lucros. Pensando também na realidade banalizada e ordinária que surge com o progresso gerado pelo petróleo – que se insere no âmbito da introdução de uma nova mentalidade burguesa liberal – Schulz descreve os roedores que se escondem nos porões, em Sanatório:

Em baixo remexiam-se, silenciosas e furtivas, as martas, as doninhas e as raposas, ladras entre os animais, criaturas com má consciência. Com astúcias, intrigas e truques de todos os tipos tinham conquistado seu lugar na existência, contrariamente aos planos da criação, e, perseguidas pelo ódio, permanentemente ameaçadas, sempre na defensiva, sempre temendo por este lugar, elas amavam, com ciúmes e sangue quente, suas vidas furtadas, escondidas nos cantos, sempre preparadas para se deixarem estraçalhar em sua defesa. (SCHULZ, 2004, p.124, tradução nossa).<sup>5</sup>

A ruptura da antiga rede social que garantia a seus participantes um significado que transcendia a esfera do particular para alcançar as demais esferas da vida é também assunto freqüentemente abordado por Joseph Roth. Particularmente na novela intitulada *Der Leviathan*, publicada postumamente em 1940, Roth debruça-se sobre a ética dos antigos comerciantes. Em *Der Leviathan*, o confronto entre o tradicionalismo humanista do comerciante de corais Nissen Piczenik com a mentalidade do pós-guerra, em que a ânsia por lucros tomou o lugar de todos os princípios éticos, representada pelo comerciante húngaro Jenö Lakatos é, a um tempo, o retrato de um embate entre forças históricas e entre dois tipos humanos representados por estes personagens.

À integridade de Piczenik, à coerência entre princípios e forma de vida, à harmonia com as leis eternas, opõe-se a vileza, a inconseqüência e a banalidade de Lakatos, que é a encarnação do comerciante mercurial, com seus métodos brutais. “Ele falava russo, alemão, ucraniano, polonês, sim, de acordo com as necessidades, e se por acaso alguém o desejasse, *Herr* Lakatos falaria, também, francês, inglês e chinês.” (ROTH, 1980, p.188, tradução nossa)<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Unten huschten verstoehlen Marder, Iltisse und Füchse vorbei, die Diebe unter den Tieren, Geschöpfe mit schlechtem Gewissen. Sie hatten sich mit Arglist, Intrigen und allerhand Tricks ihren Platz im Dasein erobert, entgegen den Plänen der Schöpfung, und, verfolgt von Hass, ständig bedroht, ständig auf der Hut, ständig in Angst um diesen Platz, liebten sie eifersüchtig und heissblutig ihr gestohlenen, in Schlupfwinkeln sich verbergendes Leben, jederzeit bereit, sich bei dessen Verteidigung in Stücke reissen zu lassen.

<sup>6</sup> “Er sprach Russisch, Deutsch, Ukrainisch, Polnisch, ja, nach Bedarf und wenn es zufällig einer gewünscht hätte, so hätte Herr Lakatos auch Französisch, Englisch und Chinesisch gesprochen”. (ROTH, 1980,

Nissen Piczenik vive em simbiose com os corais que comercializa. Sua loja encontra-se no interior de sua casa, e os corais estão por toda a parte: na cozinha, na sala, à frente de todas as janelas. Nissen Piczenik vive para os corais que vende. Longe de simples mercadorias, destinadas a funcionar como elos na longa cadeia da lógica mercantil, eles são seres vivos, em torno dos quais paira uma aura de sacralidade. Encarnação de virtudes que parecem extraídas do livro bíblico dos Provérbios, Nissen Piczenik devota dedicação e amor a corais que são nada menos do que o significado de sua existência: a harmonia com que transcorre o seu comércio reflete-se nas fileiras cantantes de empregadas que passam os seus dias no pátio de sua morada a enfiar os corais, de diferentes tamanhos e qualidades, produzindo as pulseiras e os colares que, além de embelezarem quem os porta, possuem igualmente o poder de afastar o *ayn há-ra*, o mau-olhado:

Como se vê, Nissen Piczenik não possuía uma loja aberta. Ele conduzia seus negócios em sua própria casa, ou seja: ele vivia com os corais, dia e noite, verão e inverno, e como as janelas de sua sala e de sua cozinha davam para um pátio interno, e além disto estavam protegidas por pesadas grades de ferro, neste apartamento imperava uma bonita e misteriosa luz crepuscular, que lembrava as profundezas do mar, e era como se os corais nascessem e crescessem ali – não como se ali fossem simplesmente comercializados. (ROTH, 1980, p.167, tradução nossa).<sup>7</sup>

A decência e a honestidade de Piczenic são as qualidades que o tornam conhecido na região em que vive. Seus clientes são, também, seus amigos e sobre o aspecto puramente monetário e financeiro existe uma solidariedade e uma comunidade de interesses: o dinheiro, no universo de Piczenik, não se tornou ainda um fetiche e um objetivo em si. É simplesmente um meio de troca, cuja utilização visa ao estabelecimento de laços sociais que parecem transcender aos interesses individuais:

Comprador e vendedor bebiam, para que o negócio trouxesse a ambos lucro e bênção... Assim, os clientes não eram apenas clientes, mas também hóspedes na casa de Piczenic. Às vezes as camponesas se misturavam ao canto das mulheres que enfiavam os colares, enquanto buscavam por corais que servissem. Todas cantavam juntas, e até mesmo Nissen Piczenik punha-se a cantarolar, e sua mulher

p.188)

<sup>7</sup> Wie man sieht, hielt Nissen Piczenik keinen offenen Laden. Er betrieb das Geschäft in seiner Wohnung, das heisst: er lebte mit den Korallen, Tag und Nacht, Sommer und Winter, und da in seiner Stube und in seiner Küche die Fenster in den Hof gingen und obendrein von dichten eisernen Gittern geschützt waren, herrschte in dieser Wohnung eine schöne geheimnisvolle Dämmerung, die an Meeresgrund erinnerte, und es war als wuchsen dort die Korallen, und nicht als würden sie gehandelt. (ROTH, 1980, p.167).

marcava o ritmo, batendo com a colher no fogão. [...] E cada cliente antigo beijava o comerciante, como se fosse um irmão. (ROTH, 1980, p.174, tradução nossa).<sup>8</sup>

Existe, portanto, uma *comunitas*, cuja permanência e cuja paz impõem limites à cobiça e à ambição individual – limites estes que são aceitos pela totalidade de seus participantes, cientes do equilíbrio de seu ecúmeno: os negócios devem trazer às partes nele envolvidas “lucro e bênção” e estes dois aspectos de todas as transações sociais são indissociáveis no universo do *Shtetl* (aldeia judaica) idealizado por Roth.

O idílio dos corais de Nissen Piczenik é brutalmente rompido pela chegada de Jenö Lakatos à cidade, cujo estabelecimento ostenta, em vitrines, mercadorias mais baratas do que as de seu concorrente e predecessor:

Na janela desta loja reluziam corais vermelhos impecáveis, muito mais leves do que as pedras de Nissen Piczenik, mas também muito mais baratos. [...] Os preços estavam marcados numa vitrina da loja. E para que ninguém passasse pela loja sem olhar, um fonógrafo, em seu interior, tocava músicas alegres e berrantes o dia inteiro. (ROTH, 1980, p.188, tradução nossa).<sup>9</sup>

O milagre dos corais ao mesmo tempo mais bonitos e mais baratos, que Lakatos empurra à freguesia por meio de uma publicidade moderna tem uma explicação: “Nós não somos loucos. Nós não mergulhamos nas profundezas do oceano. Nós simplesmente produzimos corais artificiais. Minha firma chama-se: irmãos Lowncastle, New York” (ROTH, 1980, p.207, tradução nossa).<sup>10</sup>

Assim, o progresso, o *Fortschritt* de que tanto falava o discurso liberal na Áustria imperial, nada mais é, para Roth, do que a abolição da humanidade e, sobretudo, o acirramento da condição de exilado do homem, onde quer que ele se encontre. E este exílio é, justamente, a consequência do triunfo do que Roth vê como uma nova heresia, uma nova superstição, análoga à crença no bezerro de ouro da narrativa bíblica do Êxodo.

<sup>8</sup> Käufer und Verkäufer tranken, damit das Geschäft beiden Gewinn und Segen bringe.... So waren die Kunden nicht nur Kunden, sondern auch Gäste im Hause Piczeniks. Manchmal mischten sich die Bäuerinnen, während sie nach passenden Korallen suchten, in den Gesang der Fädlerinnen; alle sangen sie zusammen, und sogar Nissen Piczenik begann, vor sich hin zu summen, und seine Frau rührte im Takt den Löffel am Herd.[...] Und jeder alte Kunde küsste sich mit dem Händler wie mit einem Bruder. (ROTH, 1980, p.174).

<sup>9</sup> Im Schaufenster dieses Ladens leuchteten tadellose rote Korallen, leichter zwar an Gewicht als die Steine Nissen Piczeniks, aber dafür um so billiger. [...] Die Preise standen im Schaufenster des Ladens. Und damit ja niemand an diesem Laden vorbeigehe, spielte drinnen den ganzen Tag ein Phonograph heiter grölende Lieder. (ROTH, 1980, p.188).

<sup>10</sup> Wir sind nicht verrückt. Wir tauchen nicht auf die Gründe der Meere. Wir stellen einfach künstliche Korallen her. Meine Firma heisst: Gebrüder Lowncastle, New York. (ROTH, 1980, p.207).

A crença no *Fortschritt* é considerada por Roth como a grande superstição do século 20, cujas graves consequências ele representa em sua obra, ao mesmo tempo em que contrapõe à sua severa crítica do presente os resquícios de um universo ainda não pautado por esta nova e avassaladora força histórica, cujo triunfo representa um acirramento da condição de alienação da humanidade como um todo.

Da mesma forma, para Schulz, a mentalidade dos “roedores”, que se insinuou no mundo ordenado e estável de sua infância, significa a ruptura com o mundo dos pais, a perda da dimensão vertical da existência e a perdição irreversível no deserto da banalidade.

As forças que determinaram o extermínio do ecúmeno judaico da Europa Central, como se vê, encontravam-se em gestação já bem antes do início da 1ª. Guerra Mundial, e seu triunfo é responsável, também, pela desorientação ética do período entre-guerras, retratada por dezenas de contemporâneos de Roth e Schulz.

## THE TWILIGHT OF THE HABSBERG IMPERIAL ETHICS IN BRUNO SCHULZ AND JOSEPH ROTH

**Abstract:** Bruno Schulz and Joseph Roth figure in the history of literature as representatives of Polish and Austrian literature, respectively, as if they were part of different worlds. However, both share a common memory: the life in the eastern provinces of the Austrian-Hungarian Empire, in the cities of Drohobycz and Brody, which are now part of Ukraine. The works of Schulz and Roth make reference to the Austrian-Hungarian and Habsburg universe, a millenarian kingdom that saw itself not only as a political reality, but also as an empire with the mission of giving its subjects a lifestyle considered superior from the spiritual, ethical and moral points of view. The idea of the Holy Roman and German Empire, which considered itself as the bearer of a human message, persisted until the XX century in the reign of *Kaiser* Francisco José. In this sense, the First World War means not only the political dismemberment of the Austrian-Hungarian Empire in its different parts, but also the collapse of the idea of a State that transcended the mere political sphere, turning into a spiritual and cultural home to its people. The world that emerged with the First World War is marked by the Faustian and titanic tendencies of a materialistic individualism, which focus its energies to the production and accumulation of capital. This is the world Schulz and Roth look at in their work, always from the point of view of the previous universe, characterized by the nostalgia of an irreversible exile.

**Keywords:** Nostalgia. Exile. Habsburg Empire. Joseph Roth. Bruno Schulz.

## Referências

DUTSCH, Mikolay. Nachwort. In: SCHULZ, Bruno. **Die Zimtläden und alle anderen Erzählungen**. Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2004.

HUIZINGA, Johann. **O declínio da Idade Média**. Lousã: Ulisséia, 1924.

ROTH, Joseph. **Der Leviathan**: erzählungen. Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1980.

SCHULZ, Bruno. **Die Zimtläden und alle anderen Erzählungen**. Munique: Deutscher Taschenbuch Verlag, 2004.

SCHULZ, Bruno. **Lojas de canela**. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

WERFEL, Franz. **Twilight of a world**. Nova York: The Viking Press, 1937.